

ERLIQUIOSE CANINA

FAVERO, Victor Vilas Boas
Discente Do Curso De Medicina Veterinaria Da FAEF/FAMED- Garça/sp
PINHEIRO JUNIOR. Osni Álamo Pinheiro
Docente Do Curso De Medicina Veterinaria Da FAEF/ FAMED-Garça/sp

RESUMO

A Erliquiose é uma doença infecciosa severa que acomete os cães, causada por bactérias do gênero *Ehrlichia*, sendo a principal a *Ehrlichia canis*. Sua incidência vem aumentando significativamente nos últimos anos, em todas as regiões do Brasil. A transmissão entre animais se faz pela inoculação de sangue proveniente de um cão contaminado para um cão sadio, por intermédio do carrapato. O principal vetor da enfermidade é o carrapato marrom do cão (*Rhipicephalus sanguineus*). No entanto, a infecção também poderá ocorrer no momento de transfusões sanguíneas, através de agulhas ou instrumentais contaminados. O mesmo carrapato pode transmitir a babesiose, que em algumas situações pode ocorrer juntamente com a Erliquiose.

Palavras chaves: Canino, Erliquiose, *Ehrlichia canis*

ABSTRACT

The Erliquiose is a severe infectious disease that affects the dogs, caused by bacteria of the genus Ehrlichia, with the main Ehrlichia canis. Its incidence is increasing significantly in recent years in all regions of Brazil. The transmission between animals is the inoculation of blood from an infected dog to a dog sound, through the tick. The main vector of the disease is the brown dog tick (*Rhipicephalus sanguineus*). However, the infection can also occur at the time of blood transfusions, through contaminated needles or instruments. The same tick may transmit the babe, that in some situations can occur together with the Erliquiose.

Key words: Canine, Erliquiose

1. INTRODUÇÃO

Erliquiose canina é moléstia riquetsial infecciosa que geralmente se caracteriza por redução dos elementos sangüíneos celulares. *Ehrlichia canis* foi identificada pela primeira vez no mundo na Argélia em 1935, tendo sido documentada nos Estados Unidos em 1963. Os sinônimos históricos para a moléstia são: riquetsiose canina, tifo canino, pancitopenia canina tropical, síndrome hemorrágica idiopática e febre hemorrágica canina. A ocorrência da erliquiose canina no Brasil data de 1973 em Belo Horizonte, Minas Gerais. O principal reservatório da *E. canis* é o carrapato marrom comum do cão, o qual pode transmitir os microrganismos por mais de cinco meses após o ingurgitamento com sangue infectado; o período de incubação varia de 7 a 21 dias. O

carrapato pode albergar também a *Babesia* e o *Hepatozoon spp.* A prevenção para a doença é muito importante onde existe grande concentração de animais, com isso produtos acaricidas ambientais e de uso tópico são de grande valia na prevenção da Erliquiose, desde que manejados corretamente e com a frequência indicada pelo fabricante. A prevenção da doença é muito importante nos canis e nos locais de grande concentração de animais. Devido a inexistência de vacina contra esta enfermidade, a prevenção é realizada através do tratamento dos animais doentes e do controle do vetor da doença.

2. CONTEUDO

A Erliquiose é uma doença de difícil diagnóstico na fase inicial da infecção, porque os sintomas podem sugerir várias outras doenças comuns aos caninos. A Erliquiose pode permanecer sub-clínica, isto é, sem sintomas aparente por vários meses ou até anos, não sendo raro o médico veterinário descobrir a doença no animal ocasionalmente em exames de sangue de rotina. Animais que tem ferimentos com difícil coagulação sanguínea são suspeitos de estarem contaminados pela Erliquiose, e fazer qualquer cirurgia no animal sem ter a certeza de que o animal não é portador da doença pode levar o cão a riscos desnecessários na cirurgia, por isso antes de qualquer procedimento cirúrgico devemos realizar alguns exames de rotina pensando sempre na preservação da saúde do animal (NELSON et al., 2001).

A *E. canis* é a mais comum e causa a doença clínica mais grave; é mantida no meio ambiente pela passagem dos carrapatos para os cães. O microrganismo não é transmitido por vias transovarianas no carrapato, de modo que os carrapatos não expostos devem alimentar-se em um cão riquetsêmico na fase aguda para tornar-se infectado e perpetuar a doença (ETTINGER et al., 1997).

A *Ehrlichia spp.* pode ser transmitida por transfusões sanguíneas, de modo que os doadores de sangue devem ser sorologicamente selecionados para a evidencia de infecção. A infecção por *E. canis* consiste nas fases aguda, subclínica e crônica (MEYER et al., 1995).

Durante a fase aguda, as células mononucleares infectadas margeiam os pequenos vasos ou migram para os tecidos endoteliais, induzindo a vasculite. A fase aguda inicia-

se 1 a 3 semanas após a infecção e dura 2 a 4 semanas; a maioria dos cães imunocompetentes sobrevivem. A fase subclínica persiste por até 5 anos em cães naturalmente infectados. Apesar de alguns cães eliminarem o microorganismo durante a fase subclínica, ele persiste de forma intracelular na maioria das vezes resultando na fase crônica da infecção.(LOPES)

Os sinais clínicos são variáveis, destacando-se o aumento do volume de gânglios (linfonodos), aumento do fígado (hepatomegalia) e aumento do baço(esplenomegalia), bem como alterações no sangue. Portanto, desta forma, os animais se encontrarão em um quadro de febre intensa, dificuldades respiratórias, alterações neurológicas, petéquias e equimoses. Lembrando-se que na fase crônica, poderá apresentar perda de peso progressiva, palidez em mucosas e sangramentos espontâneos. (NELSON et al., 2001).

3. CONCLUSÃO

A erliquiose é uma doença que pode levar os cães a morte e como não existe vacinas é fundamental a prevenção através do controle dos carrapatos e tratando os animais com a doença.

4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NELSON, R.W.; COUTO, C.G. **Medicina interna de pequenos animais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. p 1008, 1009

ETTINGER, S.J; FELDMAN, E.C. **Medicina interna veterinária**. 4. ed. São Paulo: Manole, 1997

LOPES, R. S. Associação de *Ehrlichia platys* com *E. canis* em cães de regiões endêmicas. In: MOSTRA CIENTÍFICA DA FACULDADE DE MEDICINA

MEYER,D.J.; COLES, E, H.;RICK, L. J. **Medicina de laboratório veterinária**. São Paulo: Roca, 1995.